

PAULO NUNES

O corpo no escuro

Poemas



Copyright © 2014 by Paulo Nunes

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Preparação

Jaime Azenha

Revisão

Marina Nogueira

Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nunes, Paulo

O corpo no escuro : poemas / Paulo Nunes. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2386-5

I. Poesia brasileira I. Título.

13-13780

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

I. Poesia : Literatura brasileira 869.91

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Confissão e prólogo, 9

A um antianjo, 12

OBVNI

Canto primeiro, 15

Arqueologia, 16

O vigia, 17

Crescente, 19

Ab (absentia) óvulo, 21

O ator, 22

Perguntas, 23

A escada, 24

Endereço, 26

Maneira negra, 28

O corpo no escuro, 29

Novelo, 31

Ubiquidade, 33

Horto das Oliveiras, 34

Os sacrificados, 35

Adão, 36

Mais perguntas, 37

Bronze, 38

Anúnciação, 40

A queda, 41

Tango, 42
Memória, 44
La chair est triste..., 45
Um astronauta, 46
Convívio, 47
Quatro cadeiras, 48
Trabalho noturno, 49
Rembrandt, 50
Equilíbrio, 51
Parapeito, 52
O assassino, 53
Arqueiro, 54
Depósito, 55
Pêndulo, 56
Limite, 57

TEMPO DAS ÁGUAS

Prece, 61
As coisas vivas, 63
A correnteza, 64
O círculo habitado, 67
Noturno, 69
Máquina, 70
Um indeciso, 71
A preguiça de Jacó, 73
Os médicos, 75
Deuses antigos, 76
O peixe, 77
Á, 78

Visita a um quadro, 79
O perdão, 82
Instruções a um morto, 84
Surdez, 85
Velho tema, 86
Intervalo, 87
O gigante, 88
Poema da estiagem, 89
Perguntas sem eco, 94
Três poemas bíblicos, 96
Psicanálise da chuva, 99
Fidelidade, 101
Informação, 103
Sapatos, 104
História universal, 105
Cantiga sem torna-viagem, 106
Distância, 107
Depois, 108
Estela enterrada, 109
A um pescador, 110
Aniversário, 111
Alinhavo, 112
Canção sem voz às quatro da madrugada, 113
Da pontuação, 114
Poema chinês, 116

FIM

Memória, 119

Confissão e prólogo

Vós habitais um quarto pobre, misturado à vida.

Antonin Artaud

Na minha mera e já quase velha opinião
os poetas *sábios*, demasiadamente *sábios*,
desaprenderam a inocência e o espanto,
e por isso, de fato, sabem tão pouco:
sequer suspeitam a impronunciável,
contudo plena arte de respirar.
Vêm e nos dão um embrulho
talvez belo, certamente bem-feito,
sem a laçada e o papel estampa
(afinal, é sempre outra a moda);
porém, abrimo-lo e o sabemos vazio:
guardaram-se, avaros, do lado de fora,
polícias disfarçados de poetas
olhando-se com temeroso respeito,
também sem grana para o pão
e comprando na página branca o céu
e que assim passam — muito bem.
Quanto a mim, venho seguindo o fio frágil
tecido de sonho, medo e oxigênio
e sinceramente confesso nunca saber
para onde este fio me conduz e me perde;
não me detive a falar com pedras

no lugar de ouvir estrelas,
mas me pus a indagar o corpo, a vida,
o universo desmedido que em mim coube
ou antes, a vida, o corpo, puseram-se
a andar também no que, incerto, escrevo.
Roubo ao acaso, à zona de sombra,
aos meus próprios e alheios gestos
a mínima letra, pobre iluminura
que não se basta, mas borda o escuro.
E se a obra é, de antemão, inconclusa,
talvez nasça disso o vero voo,
talvez seja necessário — mas isso não
é lei, não há lei — não ser tão *sábio*
para um dia, quem sabe, compreender
que a poesia, esta sempre outra coisa,
não é nem a mosca nem o zênite,
porém os dois juntos, amantes,
ampulheta em infinita entrega,
plena de risos, lágrimas e... minutos.
Mais valioso que um tesouro
ao cabo de um mapa de palavras
julgo ser qualquer diário achado,
seja em linguagem de adolescente
ou na de um velho cuja caduquice
inclui saber latim e grego
e que, ainda tímido, se abeira do fim
falando a outros, às vezes jovens, mortos.
Assim, aqui estou — nu, inaugural
e, sujando com o pulso o silêncio, aqui está,
brilhando de merda, êxtase e sangue,

bailando entre o espírito e o espirro,
eternamente escrita e improvisada,
a minha, leitor, a tua? a alheia,
a agora liberta e nenhuma
biografia.

A um antianjo

Em memória de Júlio Caixeta

A mais longa distância que pode haver,
esta que agora vai dos teus pés ao chão,
não te fez mais leve:

foi o mundo e nossas vidas que se soltaram.

OBVNI
1990-1995

Para Regma e Luiz Humberto

Canto primeiro

aqui no poço sem luz
onde vêm cair ruídos
e restos de olhares

há um odor invisível
sem carne, sem olfato
procurando quem sinta

e o nome sem sílabas
murmura um corpo
que ainda não ouve:

emergido do sangue
anterior ao pensamento
aos pássaros, aos sapatos

um monstro se arrasta
até que se ergue
em homem e continua

Arqueologia

nos gestos banais
que riscam fósforos
tomam água, sentem
pôr atenção e pá

e escavar ao redor
do sujeito oculto
a alma aparente
das formas simples

que a todos enganam
pois nada guardam
e (enquanto pensamos)
assim se guardam —

aos poucos, no espanto
de sandálias, passos
vértebras de dança
insetos no âmbar

as palavras se abrem
o mundo se revela
e dentro, intacto
o homem que o escava

O vigia

no fosso do elevador
no quarto de despejo
no armário embutido
a noite eterna espreita

pelas frestas, o vulto
sob a luz inventada:
é preciso vigiar
as coisas que se furtam

nunca mostram a face
mesmo quando sugerem
como as sandálias
sob a janela aberta —

com o branco dos olhos
vigiar a escuridão
que sustém luz e coisas
e o nada atrás da porta —

não permitir a fuga
ou a invasão: mas vem
a fome e a noite salta
da lata de biscoitos

vem o sono e debaixo
da cama ninguém sabe
(como dentro dos sonhos)
o que, na sombra, se oculta

e nas gavetas vazias
no poço atrás dos olhos
baratas, pensamentos
sem veneno, deslizam